

Consumo Político e Agroecologia: Práticas e Percepções nas Feiras de Saporanga (RS)
Political Consumption and Agroecology: Practices and Perceptions at the Fairs of Saporanga (RS)

Autoras: Adriana Luzia Pereira, Doutoranda em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), adriluzia@gmail.com; Bruna Rocha, Doutoranda em Geografia (IGCE/UNESP), bruna.rocha1@unesp.br

Grupo de Trabalho: GT10. Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e dinâmicas de consumo

Resumo: O artigo analisa o consumo político e o ativismo alimentar (AA) de consumidores das feiras agroecológicas no município de Saporanga (RS), com base em 18 entrevistas semiestruturadas. A pesquisa qualitativa revela que a feira agroecológica constitui um espaço de construção de valores sociais e ambientais, nos quais o ato de consumir se transforma em uma prática política e ética. Os resultados apontam que os consumidores não apenas buscam alimentos saudáveis, mas também expressam preocupações com a justiça social, a valorização da agricultura familiar e a sustentabilidade ambiental. As falas mostram o envolvimento com o movimento agroecológico e com práticas cotidianas que rompem os padrões hegemônicos de consumo. Ademais, as feiras são percebidas como espaços educativos que promovem mudanças de hábitos e engajamento comunitário, além de reforçar que o consumo agroecológico funciona como uma forma de AA, transformando sistemas alimentares e consolidando territórios sustentáveis e justos.

Palavras-chave: Consumo político; ativismo alimentar; agroecologia; feiras agroecológicas; sustentabilidade.

Abstract: The article analyzes the political consumption and food activism (FA) of consumers at agroecological fairs in the municipality of Saporanga (RS), based on 18 semi-structured interviews. The qualitative research reveals that the agroecological fair constitutes a space for the construction of social and environmental values, where the act of consuming transforms into a political and ethical practice. The results indicate that consumers not only seek healthy food but also express concerns about social justice, the valorization of family farming, and environmental sustainability. The statements show engagement with the agroecological movement and with daily practices that break hegemonic consumption patterns. Furthermore, the fairs are perceived as educational spaces that promote habit changes and community engagement, as well as reinforce that agroecological consumption functions as a form of FA, transforming food systems and consolidating sustainable and just territories.

Key words: Political consumption; food activism; agroecology; agroecological fairs; sustainability.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as transformações no comportamento dos consumidores têm revelado uma crescente preocupação com os impactos sociais, ambientais e éticos de suas escolhas alimentares. Esse fenômeno tem impulsionado formas de consumo que extrapolam o mero ato de compra e se configuram como práticas de engajamento político, expressando valores e posicionamentos em relação ao mundo (Portilho, 2020; Schubert e Portilho, 2023).

O consumo é um espaço de disputa simbólica e política, no qual os indivíduos afirmam identidades, valores e pertencimentos sociais (Sassatelli, 2015). Nesse sentido, o consumo político configura-se como uma forma de intervenção na esfera pública, em que os consumidores utilizam seu poder de compra como mecanismo de pressão e transformação social (Portilho, 2020). A emergência do consumo político alimentar insere-se em um contexto de profundas críticas ao sistema agroalimentar dominante, associado à degradação ambiental, à precarização do trabalho no campo e à homogeneização dos hábitos alimentares (Schubert, Tonin e Scheider, 2023).

Segundo Schubert e Portilho (2023), o consumo político alimentar e os ativismos alimentares refletem uma renovação dos repertórios de mobilização social, inspirados por temas como saúde, meio ambiente, justiça social e soberania alimentar. Tais práticas ganham centralidade num contexto marcado pela “gastronomização” da alimentação e pela valorização das origens dos alimentos, do modo de produção e das relações sociais envolvidas. Nesse sentido, movimentos agroecológicos têm mobilizado redes de produção e consumo pautadas na sustentabilidade, na justiça social e no fortalecimento da soberania alimentar. Tais tendências

convergem para uma crítica mais ampla ao sistema agroalimentar global e impulsionam a construção de redes de produção e consumo mais justas, transparentes e sustentáveis.

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, guiada pela metodologia do estudo de caso, adequada para a análise aprofundada de práticas de consumo em Sapiranga (Minayo, 2021; Creswell, 2022; Yin, 2018; Stake, 2021). A pesquisa concentrou-se na interação entre consumidores e agricultores ecológicos, bem como nos espaços de comercialização de produtos orgânicos e agroecológicos. A coleta de dados ocorreu entre agosto e dezembro de 2023, com foco em entrevistas semiestruturadas realizadas com 18 consumidores das feiras agroecológicas de Sapiranga. Os participantes foram selecionados pela frequência às feiras e pela disposição em refletir sobre suas escolhas alimentares. As entrevistas foram gravadas com consentimento, transcritas integralmente e analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, com foco nas motivações de consumo, percepções sobre alimentação e vínculos com os produtores.

Este artigo investiga o perfil dos consumidores de alimentos orgânicos no município de Sapiranga (RS), com foco na identificação de práticas de consumo político e seus significados. A partir de entrevistas com frequentadores de feiras agroecológicas e de outros espaços de comercialização direta, buscou-se compreender de que maneira valores, percepções e vínculos com os agricultores moldam as escolhas alimentares e produzem sentidos políticos no ato de consumir.

2. Resultados e discussão

O consumo político e o ativismo alimentar emergem como dimensões centrais nas práticas alimentares dos consumidores entrevistados nas feiras agroecológicas de Sapiranga (RS). Dos 18 consumidores ouvidos, nove expressaram motivações políticas, sociais e ambientais em suas práticas de consumo, evidenciando engajamento com a agroecologia e sete (C01, C04, C06, C08, C10, C12 e C13) apresentaram argumentos que os identificam com práticas de consumo político local, especialmente ao relacionarem suas escolhas alimentares com valores éticos, ambientais, sociais e de saúde. A feira agroecológica é, para esses consumidores, mais do que um espaço de aquisição de alimentos: ela se configura como um território político que mobiliza práticas de resistência ao modelo alimentar hegemônico baseado na exploração do trabalho e na degradação ambiental.

A mudança nos hábitos alimentares de alguns entrevistados tem gerado transformações em suas redes de convivência. Os consumidores C13, C16 e C08 relataram que, após se engajarem com a feira, passaram a influenciar pessoas próximas, como amigos e familiares, que inicialmente resistiam ao preço dos alimentos agroecológicos. O depoimento do entrevistado C08 é emblemático nesse sentido: ao relatar a resistência de sua mãe ao preço da batata na feira, ele construiu uma argumentação que desvelava as injustiças da cadeia convencional de produção, destacando os custos ocultos do alimento barato, como o uso de agrotóxicos e a exploração dos trabalhadores rurais. Com isso, conseguiu sensibilizá-la para o valor social e ambiental da produção ecológica, provocando mudanças no padrão de consumo familiar.

Essas percepções dialogam com os estudos de Meemken e Qaim (2018), que destacam que a produção orgânica, por ocorrer em menor escala e respeitar a sazonalidade, é mais suscetível às intempéries climáticas e, consequentemente, apresenta menor produtividade e maior variação de preço. Enquanto Gaia et al. (2022) demonstram que, em alguns contextos urbanos, a diferença de preços entre produtos convencionais e agroecológicos é mínima, Schmeiske e Marsi (2019) identificaram variações superiores a 100% em feiras livres, reforçando a complexidade da relação entre preço e acesso. A percepção de justiça no valor pago aos agricultores é um aspecto recorrente entre os entrevistados, o que revela que, para esses consumidores, o valor vai além do preço monetário — incorporando dimensões éticas e políticas.

Para a entrevistada C13, o envolvimento com o movimento agroecológico transformou profundamente sua maneira de consumir. A escolha por alimentos sem veneno não se dá apenas por questões de saúde individual, mas por compreender os impactos da agroecologia no futuro das próximas gerações e na sustentabilidade ambiental. Essa consciência amplia o ato de consumir, transformando-o em um gesto político e ecológico. De forma semelhante, a entrevistada C06 enfatiza que seu consumo se fundamenta não apenas na preocupação com a própria saúde, mas também com a saúde de quem produz e com o meio ambiente, reconhecendo que os padrões de consumo atuais são insustentáveis e exigem mudança urgente.

Para os consumidores C01, C04, C06 e C12, a escolha por alimentos agroecológicos está diretamente ligada a causas ambientais e sociais. Eles destacam a importância da manutenção da agricultura ecológica local e da valorização do trabalho agrícola, associando essas práticas à preservação dos recursos naturais — solo, água, biodiversidade — e à mitigação das mudanças climáticas. Além disso, ressaltam o menor uso de combustíveis fósseis no transporte dos alimentos comercializados na feira, contrapondo-se à lógica dos supermercados, onde os produtos percorrem longas distâncias e sua origem muitas vezes é desconhecida.

O caso da entrevistada C16 evidencia o potencial transformador do engajamento com o movimento agroecológico. Seu envolvimento com a EcoFerrabraz levou a uma mudança em todas as suas escolhas de consumo, orientadas agora por princípios de justiça ambiental e social. A sua fala enfatiza que a alimentação é apenas um dos aspectos do consumo responsável, sendo necessário considerar o impacto ambiental e social de tudo aquilo que se consome. O entrevistado C08 reforça essa perspectiva ao afirmar que a agricultura convencional representa uma “violência química”, tanto para os consumidores, quanto para os trabalhadores do campo, destacando a invisibilização da presença de agrotóxicos — inclusive em níveis acima do permitido ou proibidos — nos alimentos convencionais.

Esses relatos se articulam com os conceitos de ativismo alimentar e consumo político alimentar discutidos por Schubert e Portilho (2023), para quem o ato de consumir se transforma em um repertório de ação política, especialmente em contextos marcados pela “gastronomização”, pelas urgências climáticas e pela valorização da origem dos alimentos. O campo da alimentação, conforme argumenta Castañeda (2012), se torna político à medida que nele se constituem relações de poder que conectam o corpo individual a comunidades e a disputas ético-sociais. Assim, o consumo deixa de ser uma prática exclusivamente privada e passa a incorporar valores coletivos e transformadores.

Essa mudança no significado do ato de alimentar-se é apontada por Barbosa (2009), que identifica uma transição de uma prática cotidiana e prazerosa para uma atividade regulada e politicamente carregada. Essa transição é influenciada por fatores como o avanço da ciência nutricional, o movimento ecológico, os direitos dos animais, a globalização e os movimentos sociais que lutam por justiça no campo. Os dados empíricos aqui analisados confirmam essa transição: os entrevistados não consomem apenas por motivos nutricionais, mas também para apoiar um sistema de produção mais justo, local e sustentável.

Dessa forma, observa-se que o consumo político alimentar está diretamente relacionado à sustentação da feira agroecológica de Saporanga. Os entrevistados compreendem que sua escolha de consumo contribui para a manutenção do modelo agroecológico, da agricultura familiar e da economia local. Tal relação revela que o ativismo alimentar não se restringe ao prato, mas envolve uma rede de significados e práticas que conectam o indivíduo à coletividade, ao território e às disputas políticas mais amplas por um sistema alimentar justo e sustentável. Ao fazer do alimento um ato político, esses consumidores constroem redes de solidariedade e resistência, fundamentais para o fortalecimento da agroecologia como alternativa ao modelo convencional de produção e consumo de alimentos.

3.Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa evidenciam que o consumo político e o ativismo alimentar estão profundamente entrelaçados às práticas e escolhas dos consumidores que frequentam as feiras agroecológicas em Saporanga. A feira agroecológica, nesse contexto, aparece não apenas como espaço de comercialização, mas como território de troca de saberes, fortalecimento de vínculos e construção de alternativas ao modelo convencional de produção e consumo de alimentos. Para além da busca por alimentos saudáveis, os entrevistados demonstram uma consciência ampliada sobre os impactos sociais, ambientais e econômicos que envolvem suas decisões de consumo, compreendendo a alimentação como uma prática política que interfere diretamente na organização dos sistemas alimentares e na valorização da agricultura local.

A análise revelou que, embora o preço ainda seja um fator relevante no processo decisório, os consumidores mais engajados demonstram capacidade de reflexão crítica, atribuindo valor à origem dos alimentos, às condições de trabalho dos agricultores, à preservação ambiental e à justiça social. As narrativas também apontam para o papel transformador do consumo consciente nas relações familiares, comunitárias e com o meio ambiente. O consumo agroecológico, assim, não se restringe à dimensão individual, mas revela uma dimensão coletiva que contribui para a manutenção de modos de vida mais sustentáveis, solidários e resilientes frente aos desafios socioambientais contemporâneos, incluindo as mudanças climáticas.

Conclui-se, portanto, que o consumo político é elemento-chave para a sustentação de mercados locais agroecológicos e deve ser reconhecido como parte estratégica das políticas públicas de fomento à agroecologia e à soberania alimentar. Incentivar esse tipo de consumo significa ampliar a participação cidadã, fortalecer redes locais de produção e consumo e promover transformações significativas rumo à justiça ambiental e social.

Referências

- BARBOSA, Livia. Tendências da alimentação contemporânea. In: PINTO, Michelle de Lavra; PACHECO, Janie K. **Juventude, consumo & educação**. Porto Alegre: ESPM, 2009.
- CASTAÑEDA, M. Ambientalização e politização do consumo nas práticas de compras de orgânicos. **Caderno CRH**, Universidade Federal da Bahia - Salvador, v. 25, n. 64, Jan./Abr. 2012.
- CRESWELL, J. W. Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches. 5. ed. Los Angeles: SAGE, 2022.
- GAIA, A. J.; GOMES, A. S.; OLIVEIRA, A. D. S.; SOUZA, B. G.; WANDERLEY, T. M.; LONGO-SILVA, G. Alimentos em feiras agroecológicas e orgânicas são mais caros que convencionais em supermercados? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.17, n.3, 2022.
- MEEMKEN, E-M.; QAIM, M. Organic Agriculture, Food Security, and the Environment. **Annual Review of Resource Economics**. v. 10. 2018.
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.
- PORTILHO, Fátima. Ativismo alimentar e consumo político - Duas gerações de ativismo alimentar no Brasil. **Revista Redes**, Santa Cruz do Sul, maio/ago, 2020. ISSN 1982-6745.
- SASSATELLI, Roberta. Contestação e consumo alternativo: a moralidade política da comida. **Revista Tessituras**. Pelotas, v.3, n.2, jul./dez. 2015.
- SCHUBERT, Maicon N.; PORTILHO, Fátima. Ativismo alimentar e consumo político alimentar: uma análise a partir da teoria das práticas sociais. In: SCHUBERT, Maicon; TONIM, Jeferson; SCHNEIDER, Sergio (Org.). **Desafios e tendências da alimentação contemporânea: consumo, mercados e ação pública**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2023.
- SCHUBERT, Maicon; TONIM, Jeferson; SCHNEIDER, Sergio (Org.). **Desafios e tendências da alimentação contemporânea: consumo, mercados e ação pública**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2023.
- SCHMEISKE, D. O.; MARSI, T. C.O. Disponibilidade e variação de preços de alimentos orgânicos in natura em Caraguatatuba-SP e São José dos Campos-SP. **Journal of the Health Sciences Institute**. v. 37, 2019.
- STAKE, R. E. The art of case study research. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2021.
- YIN, R. K. Case study research and applications: design and methods. 6. ed. Thousand Oaks: SAGE, 2018.